

A FIGURA DO SACERDOTE ASCÉTICO EM NIETZSCHE

Reinaldo Cezar Souza Lopes; Dr. Prof. Clademir Luis Araldi

Universidade Federal de Pelotas – reinaldo.celopes@gmail.com

Universidade Federal de Pelotas – clademir.araldi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A moralidade cristã atravessa o pensamento ocidental há muitos séculos, entre cenários culturais, sociais e comportamentais. Figuras sacerdotais que estão entrelaçadas na história e perpetuavam um tipo de moralidade que seguia as interpretações dos escritos divinos. A figura do sacerdote ascético surge na *Terceira Dissertação da Genealogia da Moral*, de Friedrich Nietzsche. Nelas se incluem as definições dos ideais ascéticos, a renúncia de si, a monopolização da virtude, a hegemonia de apenas uma verdade e a noção de espírito livre. Essas relações se constituem nos povos e também é encontrada na filosofia, na qual Nietzsche apresenta uma crítica em relação aos filósofos ascetas.

2. METODOLOGIA

Através de pesquisa bibliográfica das obras de Nietzsche, buscou-se interpretar em específico a *Genealogia da Moral*, na *Terceira Dissertação*, preponderante para discenir a figura do sacerdote ascético e quais ideias são levantadas pela moralidade cristã na história. O escopo da análise se dá pela leitura do pensador alemão situada em sua época, um levantamento genealógico de uma moralidade que fez parte também da filosofia moderna.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma virtude que buscou salvar o ser humano, através de indivíduos porta-vozes desses ideais, que influenciasse comunidades e povos até atingir o seu êxito. A benevolência como práxis e orientação, como artifício de dominação, a manipulação através do sofrer, da vulnerabilidade do ser já descrente de tudo e de todos. Nietzsche no §15 da GM se refere ao pastor, o salvador, que conseguiria mudar a direção do ressentimento. Essa virtude também permeou inúmeros pensadores dentro da filosofia, uma necessidade entre existir e o subsistir.

A enfermidade, para Nietzsche, é ponto vital para o sacerdote ascético demonstrar seu poder e manter os doentes em um caminho tortuoso de culpa e pecado, intoxicado pelo veneno, *um desejo de entorpecimento da dor através do afeto*. A virtude e a moral cristã se tornaram *universais*, cada vez mais organizadas - como bom exemplo a igreja, instituição que até hoje tem sua marca na história, a pensar nas suas arquiteturas pelo mundo, pela doutrina da religião cristã, pela moral que atravessou gerações e mais gerações, pelo costume e pela cultura. Ir de forma contrária a essas coisas que parecem tão sutis na existência e nas rotinas de cada ser não aparenta ser tarefa fácil, seria como nadar contra uma maré de ressaca.

O sofrimento dos súditos não é cessado, ele é postergado, ou até mesmo perpetuado. Dando continuidade a isso, seria mais conveniente o encaminhamento dos indivíduos aos ideais ascéticos, com a utilização da força pela força em si mesma, uma sugestão passível de aceitação que ganha ainda mais força com um coletivo religioso bem organizado. Então esse tipo de conhecimento não daria luz a nenhum outro - apenas esse *conhecimento* seria o caminho para a verdade, e não haveria sentido de questionar algo maior através de uma filosofia. O pensador alemão entende que isso seria uma *castração do intelecto*, ou seja, não havendo possibilidade de questionamento ou um levante de contradições, os ideais seriam potencialmente valorizados e se tornariam certezas absolutas entre seus seguidores.

Imaginemos a seguinte situação: uma pessoa está passando por situações difíceis em sua vida, que a leva a desacreditar do rumo que a sua existência está tomando. Tomada pelo medo, pela desilusão em todas as coisas, sem perspectiva, sem proteção, sem afetos, acredita que o *mal* que habita o seu ser é interminável e o desejo do fim é uma opção viável. Nesse exemplo, não se pensaria a depressão que o indivíduo tem, em sua causa específica – ir ao fundo das inúmeras complexidades. Aos ideais ascéticos, ele poderia estar passando pela ausência de algo divino, um resumo de sua dor.

Nietzsche ao questionar a fé dos crentes, discorre sobre um estado que não tem direcionamento à verdade – todavia algo que se coloca frente a um estado ilusório de mera probabilidade. Isto é, podemos inferir aqui que a fé não tem uma epistemologia, ou seja, algo definido a partir de uma experiência prática e de dimensão real de algo maior – que algo divino é inalcançável aos nossos sentidos.

Temos uma passagem sobre *espírito livre*, no §24 da terceira dissertação da GM, aqui Nietzsche fazendo uma relação com ironia sobre esse ideal com o ideal ascético:

Algun espírito livre cristão, europeu, já se extraviou jamais nesta frase e em suas labirínticas *consequências*? Conhece *por experiência* o Minotauro dessa caverna?... Tenho minhas dúvidas; melhor, sei que não é assim – para esses irredutíveis em *uma* coisa, para esses *denominados* “espíritos livres”, nada é mais estranho do que liberdade e emancipação naquele sentido, em relação a nada mais estão mais firmemente ligados, precisamente na fé na verdade são firmes e irredutíveis como ninguém mais. (NIETZSCHE, 2005, pág. 129)

Para Nietzsche, essa emancipação do *espírito livre* só poderia ser possível ao trazer a filosofia para o centro do debate, saindo do imperativo da moralidade cristã, da crença investida e aplicada em uma só verdade, na verdade suprema condicionada por Deus. O pensamento ocidental tem essa regência da crença cristã, uma tradição que advém das escrituras e do denominado espírito santo. O cristianismo firmou suas raízes com sua doutrina e interpretações de um possível mundo doutrinado. Esse modo imperativo fez apenas uma moralidade ganhar força - nenhuma outra moral foi estudada ou pôde se encontrar um meio para explanar o contraditório, apresentar argumentações; a reflexão *Deus está morto* expõe uma crise dos valores cristãos.

4. CONCLUSÕES

Portanto, é de relevância a obra referenciada, pois trata de temas universais do cristianismo e de como ele teve sua popularização, influência e imperatividade no mundo ocidental. O filósofo investiga os sacerdotes de boa índole que aparentemente tem uma boa vontade de auxiliar e transmitir suas virtudes, mas que Nietzsche apontava contradições nessas formas de ensinamentos. Tipos de didáticas que apresentam falhas em sua constituição, oferecendo curas para doenças que tem um alto grau de complexidade.

Para Nietzsche, no filósofo seria reconhecer a complexidade da condição humana ao passo de arranjar outra condição para escapar de um sofrimento através de uma elevação espiritual. O *sacerdote ascético* implica uma valoração de existência permeada de uma moral cristã, que deu um sentido a humanidade, algo que preencheu uma lacuna na existência dos seres, mas que não questionou o seu sofrer - o oposto disso se revelou. A salvação se deu por uma doutrina que não questiona o sofrimento, ela atribui uma culpa. Esse resgate da problemática implica nos aspectos da moralidade cristã e o domínio do pensamento cristão no ocidente - e em como ele se desenvolveu na Europa com os ideais ascéticos.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

NIETZSCHE. Friedrich. A Gaia Ciência; Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

NIETZSCHE. Friedrich. A Genealogia da Moral; Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

NIETZSCHE. Friedrich. Ecce Homo; Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

NIETZSCHE. Friedrich. O Nascimento da Tragédia; Tradução: Paulo César De Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2020.